

A GUERRA CHEGA À ESCOLA: narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial nos jornais escolares catarinenses (Década de 1940)

Cristiani Bereta da Silva¹
Luciana Rossato²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como os jornais escolares de Santa Catarina, na década de 1940, repercutiram a Segunda Guerra e como ela foi experienciada pelos estudantes que escreveram os textos publicados nesses periódicos. Essa discussão é um recorte de uma investigação mais ampla sobre jornais escolares, elaborados entre 1895 e 1975, que é financiada pelo CNPq e pela Fapesc e desenvolvido por integrantes do grupo de pesquisa *Ensino de História, Memória e Culturas* (CNPq/Udesc). Para essa investigação foram selecionados textos relacionados à Segunda Guerra publicados em jornais de escolas primárias, de diferentes regiões do Estado. Esses jornais são materialidades da escola e conformam parte do patrimônio histórico-educativo do Brasil. Tomados como fontes históricas são entendidos como memórias arquivadas de sujeitos, políticas e práticas escolares do passado. Sua análise permite observar a adesão a projetos de futuro dos sujeitos do passado, a partir do cotidiano da escola. Manuscritos ou impressos, assinados pelos estudantes - mesmo que sob intervenção e controle docente - narram como era a escola, seu cotidiano, exercícios de escrita e leitura, festas e comemorações. Para a análise serão mobilizadas noções de *temporalização* (Koselleck, 2014) e *configuração narrativa* (Ricoeur, 2010) articuladas às categorias de *cultura escolar e memória* (Escolano Benito, 2017; Ricoeur, 2007). Foi possível observar formas de circulação e apropriação de ideias sobre a Guerra, que informam práticas políticas e pedagógicas, mas também anseios e medos em relação ao futuro, naquele presente.

Palavras-chave: Jornais Escolares; Segunda Guerra; Cultura Escolar; Memória; Patrimônio Histórico-Educativo.

THE WAR REACHES THE SCHOOLS: Narratives about World War II in school newspapers from Santa Catarina (In the 1940s)

Abstract: The objective of this article is to analyze how school newspapers from Santa Catarina, in the 1940s, represented World War II and how it was experienced by the students who wrote the texts published in these periodicals. This discussion is a part of a broader investigation into school newspapers from Santa Catarina, produced between 1895 and 1975. The research is funded by CNPq and Fapesc and carried out by members of the research group *History Teaching, Memory, and Cultures* (CNPq/Udesc). For this investigation, texts about World War II published in primary school newspapers from various regions of the State were selected. The school newspapers are school materials and constitute part of Brazil's historical and educational heritage. Viewed as historical records, they represent preserved memories of people, policies, and school practices from earlier times. The analysis enables an understanding of how historical subjects engaged with future-oriented projects, as reflected

¹ Doutora em História, professora titular do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas. Bolsista Produtividade do CNPq. E-mail: cristianibereta@gmail.com.

² Doutora em História, professora titular do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas. E-mail: lucianarossato1972@gmail.com

in the everyday practices of the school environment. Manuscript or printed texts produced by students—even under teacher supervision—provide accounts of school life, highlighting daily routines, literacy practices, and celebratory or commemorative events. For the purpose of analysis, the concepts of *temporalization* (Koselleck, 2014) and *narrative configuration* (Ricoeur, 2010) will be mobilized alongside the categories of *school culture and memory* (Escolano Benito, 2017; Ricoeur, 2007). It was possible to identify forms of circulation and appropriation of ideas about the War, which shaped political and educational practices and reflected the prevailing hopes and anxieties about the future.

Keywords: School Newspapers; World War II; School Culture; Memory; Historical Educational Heritage.

LA GUERRA LLEGA A LA ESCUELA: narrativas sobre la Segunda Guerra Mundial en los periódicos escolares de Santa Catarina en la década de 1940

Resumen: Este artículo analiza cómo los periódicos escolares de Santa Catarina, en la década de 1940, reflejaron la Segunda Guerra Mundial y cómo los estudiantes — que escribieron los textos publicados en esos periódicos — vivieron ese conflicto. El estudio forma parte de una investigación más amplia sobre los periódicos escolares de Santa Catarina (1895-1975), financiada por el CNPq y la Fapesc, y desarrollada por el grupo de investigación *Enseñanza de Historia, Memoria y Culturas* (CNPq/Udesc). Se seleccionaron textos relacionados con la Guerra, publicados en periódicos de escuelas primarias de distintas regiones del Estado. Estos periódicos son “materialidades de la escuela” e integran el patrimonio histórico-educativo brasileño. Al ser abordados como fuentes históricas, se interpretan como memorias archivadas de sujetos, políticas y prácticas educativas del pasado. Su análisis permite observar la adhesión a proyectos de futuro por parte de los sujetos del pasado, desde la cotidianidad escolar. Ya sean manuscritos o impresos, y aunque elaborados por estudiantes bajo supervisión docente, estos textos relatan cómo era la escuela, su vida diaria, los ejercicios de escritura y lectura, así como festividades y celebraciones. El estudio se basa en las nociones de *temporalización* (Koselleck, 2014) y *configuración narrativa* (Ricoeur, 2010), articuladas con las categorías de *cultura escolar y memoria* (Escolano Benito, 2017; Ricoeur, 2007). Los resultados muestran formas de circulación y apropiación de ideas sobre la Guerra, que reflejan prácticas políticas y pedagógicas, así como anhelos y temores respecto al futuro en aquel presente.

Palabras-clave: Periódicos escolares; Segunda Guerra Mundial; Cultura escolar; Memoria; Patrimonio histórico-educativo.

Introdução

Até nos Grupos fazem-se exercícios de como se deve proceder em caso de ataque aéreo. Assim começaram as experiências em nosso grupo escolar. Foi mandado limpar o porão onde algumas partes são embaixo de “piso de cimento” e onde podemos nos abrigar. No dia 21 de setembro, nosso diretor, por meio de uma sineta, deu o sinal de alarme. Corremos a fechar as janelas e as portas. Depois, reunidos, fomos todos para o porão. Passados uns minutos soou o sinal de “tudo calmo”. Voltamos para as classes³ (Alves, 1942, p. 3).

³ Os excertos de fontes transcritos neste artigo tiveram a grafia atualizada para as atuais regras ortográficas com o objetivo de facilitar a leitura. Em se tratando dos jornais escolares também, sem prejuízos ao sentido original do texto, foram suprimidos erros ortográficos e inserções/correções - feitas provavelmente pela professora regente.

Esta descrição de “exercícios de Guerra” é um fragmento do texto “O blackout em Florianópolis”, assinado pela estudante Auri Rodrigues Alves, do 1º ano do Curso Complementar⁴ do Grupo Escolar Lauro Müller⁵, e publicado na edição de novembro do jornal da escola *A Criança Brasileira*⁶ (Ver Figura 1). Nele ela descreve que as noites em Florianópolis estavam “às escuras”, por determinação do interventor Nereu Ramos. Como diversas instituições da cidade, sua escola também estava se preparando para possíveis ataques aéreos. Nesse mesmo exemplar outros textos destacam a coragem de Getúlio Vargas, que não “trepidou em declarar Guerra aos alemães e italianos, bárbaros trucidadores” (Oliveira, 1942, p. 2); também repercutem que o nazismo “vinha formando dentro do Brasil uma nova nação” (Almeida, 1942, p.2) e por isso havia a necessidade de apoiar a Guerra e obedecer às determinações do governo. Nesses textos, os autores demonstram também anseios, sofrimentos e luto pelas vidas perdidas com o afundamento dos navios. Surgem relatos de perdas de parentes que trabalhavam num deles, da comoção diante da fotografia de uma criança de três anos morta, estampada na revista *Cruzeiro*, a qual uma estudante teve acesso. Mesmo que essas narrativas tenham intervenções e mediações docentes, são indícios de como os sujeitos da escolarização do período foram afetados pela Guerra. Elas evidenciam o “caráter temporal da experiência humana”, conforme a hipótese de Paul Ricoeur (2010, p.93), tornando o tempo humano e dando significado à existência. Além disso, mostram também que a emoção é dimensão importante da formação que se opera na escola (Escolano Benito, 2021).

Notícias da Guerra já faziam parte do cotidiano dos catarinenses desde 1939. Inclusive, a preocupação com as zonas coloniais italianas e alemãs, enfatizada nos discursos sobre nacionalização do ensino, davam o tom dos debates veiculados nos periódicos que circulavam

⁴ Em Santa Catarina, o Curso Complementar ou “Normal Primário” foi regulamentado, em 1911, no contexto da reforma da instrução pública. Organizado em 3 anos, funcionava anexo aos grupos escolares e destinava-se aos seus egressos. Era uma forma de seguir com a escolarização e, ao mesmo tempo, aguardar ter idade suficiente para ingressar nas escolas normais secundárias, que exigia idade mínima de 14 anos para as moças e 16 para os rapazes. Contudo, sua principal finalidade era mesmo formar professores para atuar em escolas isoladas. Chama a atenção que os egressos desses cursos complementares podiam iniciar suas vidas profissionais bem jovens, 14, 15 anos em média.

⁵ Foi o primeiro grupo escolar fundado em Florianópolis, em 24 de dezembro de 1912, e o terceiro do Estado. A partir de 1971, passou à condição de Escola Estadual de Educação Básica. O prédio histórico foi interditado em 2019, em razão da precariedade das instalações. Em 2020 a escola foi fechada pela Secretaria de Educação do Estado, que alegou que o custo para a reforma seria muito alto (Silva *et al*, 2023).

⁶ Publicado entre 1942 e 1962. Todos os 43 exemplares localizados são impressos e em formato tabloide, à exceção do ano de 1962, manuscrito em folha de ofício.

no Estado. Contudo, foi a partir de 22 de agosto de 1942 que todas as pessoas que tinham acesso às notícias pelo rádio, jornais ou revistas, passaram a partilhar diferentes emoções em relação ao que significava “estar em Guerra”. Assim como *A Criança Brasileira*, outros jornais escolares, de diferentes regiões de Santa Catarina, narraram e informaram experiências e expectativas relacionadas à Guerra. O objetivo desse artigo é justamente analisar como estas questões circularam nas escolas e foram narradas pelos estudantes nos jornais. As análises mobilizam noções de *temporalização* (Koselleck, 2014) e *configuração narrativa* (Ricoeur, 2010) articuladas às categorias de *cultura escolar* e *memória* (Escolano Benito, 2017; Ricoeur, 2007). Memórias arquivadas, conforme acepção de Ricoeur (2007) sobre a natureza das fontes históricas, esses materiais dão pistas de como a Segunda Guerra circulou na escola e de que forma os estudantes atribuíram sentidos a elas, como anseios e medos em relação ao futuro, naquele presente. Defende-se, assim, a relevância dessas fontes, para dotar de inteligibilidade não apenas as variadas práticas que dizem respeito aos sujeitos da escolarização, mas também dimensões relacionadas a experiências, dentre elas, emoções como medo e alegria.

Essa discussão é recorte de uma investigação mais ampla sobre jornais escolares catarinenses, elaborados entre 1895 e 1975, financiada pelo CNPq e pela Fapesc⁷. Até o momento a equipe do projeto inventariou 1.385 títulos desses jornais. Para esse artigo, especificamente, foram selecionados apenas periódicos de escolas primárias (grupos escolares, isoladas e reunidas) que possuem séries de exemplares publicados num período igual ou superior a 5 anos, abrangendo os anos da Segunda Guerra. Após esse filtro restaram 126 títulos elaborados por escolas localizadas em diferentes regiões do Estado. Dada a abrangência, a seleção dos textos foi feita privilegiando marcadores específicos, buscando, por exemplo, os meses mais próximos às campanhas de “esforços de Guerra” que envolveram as escolas, a saber: a da aviação e dos metais, em 1942, e a da borracha, em 1943. Também a entrada do

⁷ Trata-se da pesquisa “Jornais escolares como culturas de memória: vestígios de presentes passados entre práticas culturais e políticas” que vem localizando e inventariando jornais de escolas primárias e secundárias catarinenses elaborados entre 1895-1970. O trabalho é desenvolvido por integrantes do grupo de pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas (CNPq/Udesc), docentes e estudantes, vinculados a graduação e pós-graduação da Udesc. A pesquisa é financiada pelo CNPq, por meio de bolsas, e pela Fapesc, em forma de apoio à infraestrutura dos grupos de pesquisa da Udesc e por meio do Edital de Chamada Pública Universal n. 21/2024. Todos os jornais escolares citados nesse artigo estão num catálogo preliminar disponível: <https://jornaiscolarescatarinenses.webnode.page/catalogo/>. Recursos obtidos junto a Fapesc estão sendo utilizados na construção de um catálogo interativo *online*, a ser lançado em 2026.

Brasil na Guerra, em agosto de 1942, o envio do primeiro grupo de expedicionários da Força Aérea, em julho de 1944, e o fim da Guerra, em maio de 1945. Foram encontradas notas em exemplares de 1940 e 1941, mas são menos frequentes. Entre 1942 e 1945, porém, praticamente todos os jornais possuem menções ou textos (redações, composições) de algum desses acontecimentos, o que indica a potencialidade dessas fontes. Foram selecionados à análise os mais representativos, atentando-se para os diferentes tipos de escola e de regiões. O artigo será dividido em duas partes, a primeira tratará das características desse *corpus* documental e a segunda procederá a análise das narrativas, propriamente.

Jornais escolares: notas sobre a produção e a preservação desses testemunhos de passados

Jornais e revistas reconhecidos como escolares, pedagógicos ou educacionais são aqueles produzidos por e/ou para docentes e discentes. Essa definição bastante geral diz respeito a um conjunto de materiais que reúne características identitárias próprias e complexas em razão do tempo e espaço de sua produção, do projeto político que lhes dá condições de existência, dos sujeitos e instituições envolvidos e do público a que se destinam. Em Santa Catarina, jornais de escolas primárias e secundárias, públicas e particulares, produzidos entre o final do século XIX e até a década de 1970, foram preservados em arquivos, bibliotecas, incluindo as escolares, museus, centros de memória e até mesmo por docentes ou estudantes que lhes devotaram especial afeto e importância.

É bem verdade que infelizmente são raras as escolas que preservaram esses jornais em suas bibliotecas ou arquivos. Mais raro ainda é encontrá-los nas públicas. Diana Vidal (2005) já chamou atenção para isso, lembrando que, em geral, as escolas se preocupam em guardar documentos administrativos que dizem respeito à vida escolar de estudantes e de docentes. Isso não acontece com outros documentos do fazer ordinário da escola, como livros didáticos considerados “antigos” ou “desatualizados”, cadernos e materiais diversos elaborados e/ou usados, como, por exemplo, jornais escolares. Para estes o destino quase sempre é o lixo. Há razões práticas para isso, evidentemente, pois guardar e preservar documentos exigem, no mínimo, espaço físico, condições técnicas e recursos humanos. Com isso parte significativa do patrimônio histórico-educativo do Brasil acaba se perdendo (Silva, 2020).

Os jornais escolares inventariados pelo projeto, ao qual esse artigo se relaciona, foram

salvos da destruição e do completo esquecimento por acidente ou intencionalmente. São testemunhos de passados da cultura escolar, são “restos” de escolas, “materialidades com memórias” (Escolano Benito, 2017) que permitem variadas análises. A maioria desses materiais (98,7% do total) foi localizada no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (Apesc). São 207 códices que reúnem 1.368 títulos, cerca de 29,7 mil exemplares, elaborados entre 1941 e 1953. Esses documentos formam parte do fundo nomeado como “Escolas/Grupos Escolares”. Nele, além dos jornais, estão também relatórios de inspeção, de reuniões pedagógicas, de funcionamento das associações auxiliares da escola e atas diversas de escolas catarinenses.

A Gerência de Recuperação Documental do Apesc não possui registro de recebimento deste acervo, mas considera provável que ele tenha sido “naturalmente” herdado quando o arquivo foi criado, pela Lei nº 2.378, de 28 de junho de 1960, que o vinculou à Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Justiça. Até 1952 essa secretaria incorporava também a educação e a saúde, ou seja, o Departamento de Educação também era subordinado a ela. A hipótese ganha força quando se observa que jornais localizados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (Bpesc) ou em arquivos municipais, como o de Joinville e de São Bento do Sul, também estão no Apesc.

A preservação desses jornais deve-se, em parte, ao controle que o Estado exerceu sobre as escolas nas décadas de 1930 e 1940, com reverberações posteriores, quanto a “obrigatoriedade” de funcionamento das associações auxiliares⁸ em todos os estabelecimentos de ensino público e particulares. Ofícios de criação e funcionamento dessas associações eram enviados ao Departamento de Educação e recebiam atenção especial nos relatórios de inspeção. No caso dos jornais, não apenas os relatórios eram enviados (que informavam a equipe responsável, as datas de reuniões, os temas tratados etc.), mas cada um dos exemplares elaborados. Há inúmeros documentos sobre o tema, inclusive com orientações de como deveriam ser organizados. Cada escola era obrigada a produzir, no mínimo, três exemplares de cada número publicado (geralmente mensais, mas há casos de “revistas” semestrais), sendo uma cópia enviada para conferência ao Departamento de Educação, uma destinada à comunidade e outra à biblioteca da escola.

⁸ Jornal Escolar, Clube Agrícola, Liga Pró-Língua Nacional, Pelotão de Saúde, Liga da Bondade, Biblioteca Escolar, Clube de Leitura, Orfeão Escolar, Museu Escolar, Caixa Escolar, Cooperativa Escolar, Círculo de Pais e Professores e Centros de Interesse.

A maioria dos jornais preservados, e com as séries mais longas, pertence às escolas primárias isoladas, seguidas pelas reunidas e grupos escolares. As escolas secundárias estão em menor número, em relação ao conjunto encontrado. No Primário, a maioria é manuscrita em folha de papel almaço. Com algumas exceções há impressos, em formato tabloide. Estas últimas, foram produzidas em grupos escolares ou secundários de maior prestígio, que conseguiam recursos para contratação de uma gráfica.

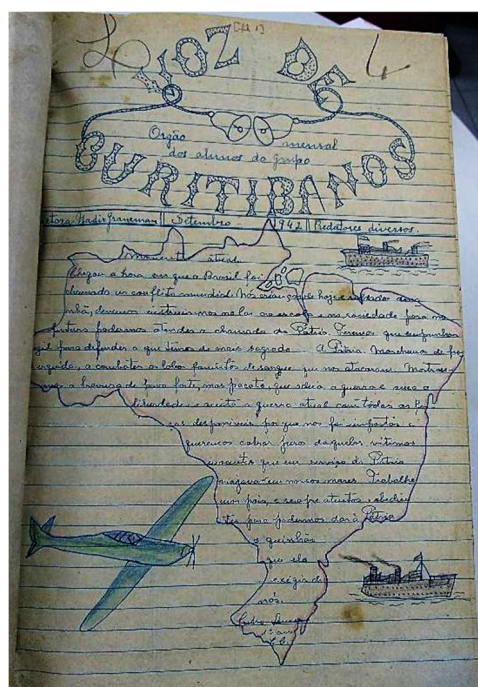
Os jornais escolares localizados e inventariados pela pesquisa não se enquadram, propriamente, na categoria de “textos livres”, de Celéstin Freinet (1974). Baseado em suas experiências sobre a utilização do jornal escolar, em 1924, esse pedagogo francês defendia que os textos deveriam ser produzidos por estudantes, sem redações formais e sem a intervenção dos adultos. A análise dos jornais encontrados entre 1895 e a década de 1920 evidencia que a participação dos estudantes é restrita a colaborações pontuais (como redações, por exemplo) e que sua concepção e elaboração são de responsabilidade dos adultos da escola. No entanto sua existência indica tentativas de aproximação com a pedagogia moderna.

Figura 1: Jornal impresso



Fonte: *A Criança Brasileira*, Florianópolis, maio 1942. Acervo Bpesc e Apesc.

Figura 2: Jornal manuscrito



Fonte: *Voz de Curitiba*, Curitiba, set. 1942. Acervo Apesc.

As funções pedagógicas dos jornais escolares, assim como a ampliação da participação dos estudantes em sua elaboração, passaram a ganhar força a partir da década de 1930. Circulares, portarias e decretos prescrevendo a criação das associações auxiliares, especialmente os jornais, foram divulgados para todas as escolas públicas e particulares do Estado. O funcionamento dessas associações auxiliares se vinculava a uma ideia de “modernização do ensino” e elas multiplicam-se a partir de 1935, ano da criação do Departamento de Educação do Estado de Santa Catarina. Representado, principalmente, por nomes como Luiz Sanchez Bezerra da Trindade, Elpídio Barbosa e João dos Santos Areão, nas décadas de 1930 e 1940, este Departamento teve seu trabalho marcado por políticas que visavam modernizar o sistema educacional. Nos documentos normativos enfatizava-se que as associações precisavam ser organizadas pelos estudantes, sendo a função dos docentes apenas orientar e mediar o processo. As associações deveriam permitir que os estudantes vivenciassem atividades concretas ligadas à “vida adulta”, exercitando cooperação, respeito às autoridades e serviço à nação.

A frequência e repetição observada nesses documentos, de que os jornais escolares deveriam ser elaborados pelos estudantes, evidenciam que os docentes faziam mais que apenas mediar ou orientar seu processo de elaboração. Sob esse aspecto depreende-se que não é possível enquadrá-los, mesmo após 1935, na categoria de “textos livres”. Contudo, atas e relatórios de jornais, assim como os próprios conteúdos publicados, mostram que os estudantes participavam de sua elaboração, mesmo sob intervenção docente. O que a investigação observou é que mais que uma proposta de renovação pedagógica, denominada moderna, que se voltava ao preparo de estudantes para questões práticas, as associações auxiliares acabaram se convertendo em ferramentas importantes para consolidar o projeto político em curso, especialmente aquele que convergia com a nacionalização. Por meio delas promoviam-se a difusão e o aperfeiçoamento da língua portuguesa e a apropriação de sentidos pátrios e morais. Devia-se ensinar as crianças, especialmente as que descendiam de alemães e de italianos, a serem “brasileiras”. Não por acaso, a maior concentração de exemplares localizados na década de 1940, foram elaborados por escolas localizadas no Vale do Itajaí⁹, região que possuía à época maior número de escolas e onde se

⁹ O nome deve-se a região onde se instalaram as primeiras colônias de imigrantes europeus, próximas ao rio Itajaí-Açu. A mais conhecida delas foi fundada por Hermann Bruno Otto Blumenau, em 1850. O nome foi alterado para

concentravam populações de descendentes de alemães, principalmente.

O formato dos jornais, organização estética e mesmo o próprio conteúdo, seguiam instruções do Departamento de Educação. A Circular n.7 de 12 de abril de 1937, assinada por Luiz Sanches Bezerra da Trindade, por exemplo, orienta:

Sr. Professor: para a confecção do jornal escolar já bastante divulgado, achei conveniente dar as instruções que se seguem, para que deles desapareçam as falhas que vimos observando:

Todo jornal terá um nome que será de livre escolha dos escolares;

O corpo redatorial que será escolhido por eleição, se comporá de um diretor, um gerente e dois repórteres;

No cabeçalho do jornal, além do nome, virá o número, que representará a ordem da tiragem; o ano, que apresentará o tempo de existência do jornal;

O nome dos alunos que compõe o corpo editorial;

A data e o nome do lugar onde funciona a escola, bem como o nome do município (Trindade, 1941, p. 27).

Em 1944, o Decreto nº 2.991, que chegou na íntegra às escolas por meio de circular, apresenta instruções detalhadas de elaboração desses materiais, inclusive com exemplos de cabeçalhos, capa, organização interna, conteúdo etc. Chama a atenção a temporalização possível de ser observada nessas fontes. Aqui, vale-se da teoria sobre estratos do tempo de Koselleck (2014), de que os tempos coexistem, em diferentes planos e com durações distintas. Um presente específico pode conter dimensões do passado e do futuro:

Vantagens do Jornal

Ao ser focalizada, na escola, **a importância do jornal**, o professor fará uma exposição do assunto, evidenciando os seguintes tópicos:

1º - O jornal representa **uma coleção de trabalhos** que se concentra em um só todo, e assim **para, no futuro**, poderem os novos alunos conhecer as **realizações do passado**.

2º - Muitos alunos que têm queda pela narração, descrição, contos, poesias, crônicas, desenho, caligrafia, terão oportunidade de expandirem a sua inclinação, podendo ser o jornalzinho uma fonte, onde fará brotar tendências latentes da alma juvenil.

3º - Possuindo as diversas seções adiante descrita, servirá ainda para **gravar certos pormenores íntimos da vida local que, mais tarde, servirão como elemento valioso de consulta**, quando tivermos de escrever a história da região.

4º - Os pais, por meio do jornalzinho, ficarão a par, não só do progresso de

“Vale Europeu”, pela Lei Estadual n. 860, de 22 de maio de 2024, iniciativa que deliberadamente tenta obliterar a memória dos povos Kaingang e Xokleng, que habitavam a região muito antes de os imigrantes chegarem.

seus filhos, como terão a oportunidade de verificar as vantagens que outras crianças estão realizando, pois no jornal, teremos várias manifestações da vida escolar (Santa Catarina, 1945, p.130, grifos nossos).

Toda a história tem a ver com o tempo (Koselleck, 2014). Nesse documento há uma narrativa produzida num determinado presente e em um contexto político, social e cultural específico: nacionalização, ideia de um Brasil Novo, de políticas direcionadas a construção de uma identidade nacional condizente com as aspirações do projeto político estado-novista. Naquele presente-passado projetava-se um futuro, um futuro-passado. Um futuro em que já se atribuía relevância aos jornais como monumento, memória daquele projeto, de suas aspirações, também da escola e dos sujeitos da escolarização. Os jornais escolares ganham assim dimensões memoriais orientadas pelo futuro. Emergem como herança, já em sua criação. Há aqui uma dupla função da memória e de combinações temporais: no presente do historiador, são memórias arquivadas de testemunhos passados (Ricoeur, 2007); no presente daquele passado as práticas discursivas já os inscreviam como memórias voltadas ao futuro. E não eram quaisquer memórias, mas sim aquelas coerentes com o projeto político que instaurou e controlou a elaboração dos jornais, nesse período.

Muito embora possa se observar que a incorporação das instruções normativas não tenha sido igual em todas as escolas, o que se apresenta é um conjunto com características muito similares. Feições que chegaram inclusive até a década de 1970, muito tempo depois que as normativas pararam de ser emitidas, no final da década de 1940. Foram encontrados jornais, com características muito similares às prescritas pelo Departamento de Educação, na década de 1970, por exemplo (Silva; Vieira, 2024). Esses documentos trazem práticas de escrita e de leitura sobre temas variados. Exercícios de redações, de descrições e de cartas, narram como era a escola, as sabatinas ou outros exames, quais livros eram lidos, quais exercícios de Português, Aritmética, História e Geografia eram praticados. Também contam sobre festividades, homenagens, poemas recitados e cantos ensaiados. Por vezes, relatam emoções, em forma de expectativas e medos, como, por exemplo, os causados pela Guerra.

A Guerra chega à Escola

Mesmo antes de agosto de 1942, a Guerra e a preocupação com os imigrantes estrangeiros atravessavam as escolas. Esse foi o tema da redação da estudante Maria Emília, do 2º ano Complementar do Grupo Escolar Santa Catarina¹⁰, de Campos Novos¹¹, publicado no jornal *A Voz da Infância*:

Devido a necessidade de braços para a lavoura foi permitida a imigração de colonos estrangeiros [...] sendo essencialmente agrícola, com entrada destes, **melhoraram muito as condições financeiras do país**. Por outro lado, é desfavorável a imigração devido a **mistura da raça**, sendo também que eles morando em nosso país podemos ser atacados por eles sem esperarmos. Temos como exemplo o **plano dos japoneses** numa das maiores cidades do país, S. Paulo. Acho então que seria preferível o Brasil ser mais pobre, mas trabalhando a sua custa, e no momento não estaríamos temendo um **golpe pelas costas** (Emília, 1942, p.5, grifos nossos).

Na redação acima constata-se um esforço explicativo da jovem autora ao expor os pontos positivos e negativos sobre a imigração. Segundo ela, a vinda de imigrantes ocorreu devido a necessidade de braços para o trabalho agrícola e a chegada destes contribuiu para melhorar as condições econômicas do país. Mas, na sequência, ela lista os pontos negativos: a mistura da raça e o medo de ser atacado por imigrantes que devido à Guerra tornaram inimigos. As notícias da Guerra, e o medo decorrente dela, a faz refletir se esse crescimento econômico vale a pena. Como justificativa ela cita “o plano dos japoneses” em São Paulo. O medo em relação à “mistura da raça” se referia apenas aos imigrantes japoneses ou também aos imigrantes europeus, que eram em maior número em Santa Catarina? Paradoxal quando se analisa as políticas que incentivaram a vinda de imigrantes europeus, no final do século XIX, e os discursos de “branqueamento da raça”. No contexto estadonovista e de Guerra de 1942, a escrita aponta para a circulação de ideias racistas contidas na ideia de “mistura de raças” e

¹⁰ Fundado em 1934, funcionava junto ao prédio do Colégio *Mater Dolorum*, na então Vila de Rio Capinzal, Campos Novos, região do Planalto Sul. Em 1950, em novo prédio recém-inaugurado, e já no município de Capinzal, passa a se chamar Grupo Escolar Belisário Pena.

¹¹ Serão mantidos os nomes das escolas e sua localização espacial, conforme informados nos documentos. Contudo, houve mudanças nas configurações espaciais desde a década de 1940, muitos distritos foram desmembrados, tornando-se municípios. Exemplo disso é essa escola, que até 1948, ficava em Campos Novos e com a emancipação do distrito, passou a se localizar em Capinzal.

“golpe pelas costas” no cotidiano escolar, mas sob outras camadas. O ideal de um Brasil branco e autossuficiente, toma forma nesses argumentos, mas agora um Brasil branco em que o “estrangeiro” emerge como contraste negativo da brasilidade requerida.

A narrativa da estudante, também permite pensar em estratos temporais (Koselleck, 2014). Há nele uma expectativa de futuro em que se teme a traição dos imigrantes, “um golpe pelas costas”, e um horizonte de experiência idealizado na ideia de que a vinda dos imigrantes melhorou as condições financeiras do país. O passado (com a vinda dos imigrantes) e o futuro (medo da traição) se condensam num presente de guerra. O estrangeiro como ameaça à nação é exemplificado pelo “plano dos japoneses”. Os imigrantes japoneses começaram a chegar ao Brasil em 1908 e, até 13 de agosto de 1941, quando foi proibida a entrada deles, em torno de 190 mil pessoas migraram e se fixaram principalmente no Estado de São Paulo. Somente em 1952 a imigração de japoneses voltou a ser retomada. Após o ataque dos japoneses a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, a comunidade japonesa no Brasil passou a ser investigada por agentes norte-americanos e pela polícia local. Espalharam-se boatos de que imigrantes japoneses formavam uma organização militar. Contudo, as investigações encontraram e prenderam, até finais de 1941, apenas quinze oficiais (Quintaneiro, 2006). O plano dos japoneses, citado por Maria Emília, parece ter sido mais um dos inúmeros boatos que circularam devido ao medo, acirrado pelo fato de viverem no Brasil uma grande quantidade de imigrantes que eram originários dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Santa Catarina recebeu muitos imigrantes a partir de meados do século XIX. Pessoas vindas de regiões europeias que atualmente formam a Alemanha e a Itália e que aqui foram assentados principalmente em áreas de colonização no Vale do Itajaí (Colônia Blumenau) e na região Sul do Estado (Colônia Azambuja e Nova Veneza). Inicialmente, as crianças nessas regiões de imigração eram educadas em casa ou em escolas mantidas pelos próprios colonos. Em 1904 o pastor Hermann Faulhaber criou a Associação Escolar para Santa Catarina que organizava essas escolas comunitárias, cujos professores ensinavam na língua de origem dos imigrantes. Com a eclosão da Primeira Guerra muitas escolas foram fechadas. Estima-se que 6.000 crianças ficaram sem aulas. Aquelas que não foram fechadas precisaram se adequar ao Decreto nº 1.063, de 8 de novembro de 1917, do governador Felipe Schmidt, que instituiu a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa nas aulas (Otto, 2003; Klug, 2003).

A partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, houve várias mudanças na política econômica e educacional no país. Em Santa Catarina, Nereu Ramos assumiu como governador em 1935 e, entre 1937 e 1945, tornou-se interventor. A Campanha de Nacionalização, que ocorreu de 1937 a 1945, durante o Governo Vargas, tinha como um dos seus objetivos integrar os estrangeiros e seus descendentes à cultura nacional. Uma série de decretos-lei foram sancionados em 1938, diretamente relacionados ao tema. Em janeiro, foi instituída a Comissão de Nacionalização, com a função de “regular a entrada, fixação, naturalização e expulsão de estrangeiros” (Brasil, 1938a); em abril, proibiu-se a participação e a atividade política aos estrangeiros. Eles não podiam formar associações, ter jornais, receber subvenções de outros países, usar uniformes etc. (Brasil, 1938b). Em novembro, outro decreto, desta vez dirigido especificamente às escolas. A Comissão Nacional do Ensino Primário passou a ser incumbida de “definir a ação a ser exercida pelo Governo Federal e pelos governos estaduais e municipais para o fim de nacionalizar integralmente o ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira” (Brasil, 1938c).

Todas essas mudanças impactaram as atividades realizadas nas escolas, principalmente naquelas que atendiam descendentes de imigrantes. Em maio, também no jornal *A Voz da Infância*, Armando Bitinardi (1942, capa) escreve:

Note-se a transformação porque estamos passando só porque estamos ameaçados de uma Guerra. Quantos navios, aviões, etc. são construídos em nosso país, coisa que pouco tempo atrás era um absurdo. Note-se ainda mais a energia desse povo que não se curva diante dos maiores obstáculos, e auxilia o governo na extinção da famigerada “quinta coluna”. Só isso já é grandeza.

A narrativa de Armando indica que notícias sobre investimentos em setores considerados essenciais para enfrentar a Guerra, como a produção de navios e aviões, já circulavam e chegavam às escolas, antes da declaração de guerra ao Eixo. Isso gerou otimismo no estudante que destacou a grandeza e a energia do povo brasileiro, responsáveis por propiciar transformações na indústria nacional, gerando novos empregos. Chama a atenção o elogio a atuação do governo de Vargas em relação à “quinta coluna”, que mostra a eficácia da propaganda oficial na divulgação dos perigos dos inimigos internos, os “traidores da Pátria, a serviço do Eixo”, no caso: alemães, italianos e japoneses. Discursos radiofônicos e jornalísticos, principalmente, alertavam os brasileiros sobre a

necessidade de defender a Pátria dos “quintas-colunas”. Estratégia que recrudesce após a declaração de Guerra. Segundo Marlene de Fáveri (2004), nesse momento, o termo passa a ser usado exaustivamente pela imprensa e pela polícia, para designar espões, traidores da Pátria, mas também imigrantes de países do Eixo e seus descendentes. Esses, passaram a ser vistos como suspeitos, perigosos, sabotadores ou mesmo nazistas, muitas vezes apenas pelo simples fato de se expressarem na língua do seu país de origem.

Depois de agosto de 1942, os estudantes catarinenses passaram a noticiar como a entrada do país na Guerra foi experienciada na sua comunidade. Mauricio C. Moura (1942, p. 2), aluno do 4º ano X, e repórter d’*O Estudante*, do Grupo Escolar Jerônimo Coelho¹², de Laguna, escreve:

Por ordens superiores Laguna acha-se atualmente às escuras. Sendo uma cidade marítima e porto importante devido a exportação de carvão é necessário que esteja em completa escuridão para não atrair os submarinos e aviões inimigos que aqui andam rodeando as nossas costas. Já basta o torpedeamento dos nossos cinco vapores! Não é só Laguna que se acha às escuras, mas muitas e muitas cidades do Brasil. Aqui, no Grupo tivemos várias explicações do “porque” desta escuridão e como devemos praticar, em caso de bombardeio. Foram dadas estas explicações pelo Sr. Diretor.

Como a entrada do Brasil na Guerra foi após o bombardeamento de navios mercantes brasileiros, o medo entre os que viviam em cidades litorâneas era bastante difundido. Observa-se que os “exercícios de Guerra” não ficaram limitados à capital, Florianópolis, conforme mostrado no excerto que abriu esse artigo. A orientação era que a população deveria manter as luzes apagadas ou então as janelas cobertas, principalmente nas cidades litorâneas. Além disso, locais com iluminação pública deveriam mantê-las apagadas, tanto por motivo de segurança como por economia de recursos. Nesse período, os textos escritos pelos estudantes também fazem referências à escassez de determinados artigos, sendo a “carestia” um dos efeitos da Guerra. Há queixas inclusive do aumento no preço do papel, o que vai incidir na paralisação ou no atraso da publicação dos jornais escolares.

¹² Segundo grupo escolar inaugurado no Estado, em 10 de dezembro de 1912. Após 1971, passa a condição de Escola Estadual de Educação Básica e, em 2017, foi desativada. Suas instalações foram entregues à Polícia Militar, para abrigar unidade do Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires.

A falta de querosene afetou sobremaneira as escolas isoladas, localizadas principalmente nas zonas coloniais e/ou em regiões mais afastadas dos centros urbanos. O texto intitulado “Querosene”, publicado no jornal *A Primavera*¹³, da Escola Isolada Estadual de Alsácia,¹⁴ de Brusque, informa sobre a falta de querosene (utilizado como combustível na aviação e em lamparinas e aquecedores domésticos) e o preço de artigos como velas, açúcar e sal:

É uma grande tristeza a falta de querosene nos sítios. Muitos moradores do campo são obrigados a passar as noites sem luz em casa. Quando todos de casa estão com saúde ainda vá lá, mas onde haja doentes ou criancinhas e velhos, que necessitam de luz de noite, o que fazer? Com a claridade do fogo, pouco ou nada se pode fazer. Velas? Quem pode comprar velas nesta carestia? Portanto é um caso bem sério e muito lamentável. Ainda outros produtos querem se fazer sentir a sua falta; tais como o sal e o açúcar, Este último poderia ser dispensado, porquanto aquele é indispensável. Por exemplo: sem sal não poderíamos conservar a carne e nem a linguiça (Querosene, 1942, p.2).

Quase um ano depois, a edição de julho do mesmo jornal, volta ao tema da falta de querosene, insistindo que, além de cara, não se encontra para comprar. “Não será isso especulação dos negociantes que aproveitam o carro da Guerra? Pobres de nós aqui no sertão que devemos passar noites sem luz” (A querosene, 1943, p. 2). Em 1944, parece que o problema prossegue, mas a distribuição passa a ser organizada pela prefeitura, provavelmente para evitar a especulação dos preços:

Continua a miséria da querosene. É verdade que agora todas as famílias podem receber uma garrafa por semana, tirando pelo talão da Prefeitura. Sem talão ninguém retira uma só garrafa. De sorte que morando um colono, umas três, quatro ou mais [ilegível] distância da Prefeitura é obrigado tirar o talão, senão não recebe querosene (A querosene, 1944, p. 2)

Ao lado das queixas, muitas vezes dividindo a mesma página, encontram-se textos que descrevem a participação da escola nas diferentes campanhas feitas para ajudar nos esforços de Guerra, como a arrecadação de dinheiro para a compra de aviões, a coleta de metais e de

¹³ Os textos deste jornal não são assinados. Informa-se apenas que é com a colaboração de “diversos”. Nas atas, porém, informam-se os nomes dos estudantes que ocupam funções de diretor, gerente e repórteres.

¹⁴ Em 1953, a escola desdobrada e já municipal, passa a se chamar Professora Georgina de Carvalho Ramos da Luz, mais tarde, passa a ter escolas reunidas, e, em 2000, Escola de Ensino Fundamental, com a mesma denominação (Castro, s/a).

borracha usadas. As escolas envolviam os estudantes em mutirões, que eram encerrados de forma festiva e posteriormente divulgados nos jornais.

Em 1942, os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt firmaram os “Acordos de Washington” que, de modo geral, previam o envio de matérias-primas estratégicas aos Estados Unidos e, em troca, este forneceria ajuda técnica e financeira ao Brasil. Depreende-se que a circulação de diferentes campanhas coletando dinheiro e materiais nas escolas integraram esse contexto de forma estratégica, não necessariamente tendo como foco o sucesso efetivo de sanar as dificuldades quanto à matéria-prima do Brasil.

Interpreta-se que a integração de estudantes e docentes aos “esforços de Guerra” visava promover uma educação a serviço da Pátria. As campanhas alcançavam os pais, por meio de seus filhos, e contribuíam para que as comunidades, mesmo as rurais e mais distantes, aderissem ao empreendimento político de Vargas. O sentimento de “participação” certamente alimentava o pertencimento a Pátria, à Nação. Com isso estabeleciam-se pactos de apoio e comprometimento com o projeto estado-novista, mesmo a despeito de sacrifícios, como a falta de luz, carestia de produtos básicos etc. Nas escolas as campanhas eram instadas por meio de circulares enviadas pelo Departamento de Educação e a motivação ficava por conta dos diretores e professores. Valdemar Blosfeld (1942, p. 2), do 2º ano Complementar, escreve no *Alerta Estudantes*, do Grupo Escolar José Bonifácio¹⁵, de Blumenau, a redação “O Brasil em Guerra”:

O Brasil entrou na Segunda Guerra mundial devido ao afundamento de alguns navios de transportes brasileiros por submarinos e aviões do Eixo. Não estamos bem-preparados para a Guerra devido a falta de gasolina e outros materiais porque os navios não podem trafegar em busca desses combustíveis. Organizou-se em todo o Brasil a “Campanha Nacional da Aviação” que foi feita para a compra de alguns aviões [...]. Com o auxílio de todos, o Brasil derrotará o inimigo que pisar em suas terras.

Nos jornais informam-se os totais arrecadados em dinheiro, também qual escola da cidade ou região havia conseguido doar a maior quantia à campanha. A partir dos relatos mais entusiasmados, depreende-se que o projeto era comprar aviões para o Brasil ir para a Guerra, como no texto do estudante Almo Rohregger (1942, p. 3-4), do 3º ano X, publicado no jornal

¹⁵ Instalado em 1942 no distrito de Rio do Teste, atualmente município de Pomerode.

A Voz da Serra, do Grupo Escolar Professora Adelina Régis¹⁶, de Videira.

Depois da comemoração da festa da árvore reunidos todos os alunos o Sr. Diretor explicou a patriótica finalidade dessa Campanha que está empolgando todo o Oeste Catarinense. Os municípios de Campos Novos e Cruzeiro juntos querem oferecer um avião às Forças Aéreas Brasileiras. [...] Todos devemos fazer sacrifícios quando a defesa da Pátria exige. [...] Em classe todos os professores continuaram a entusiasmar os alunos. Foram desenhados aviões com o V da Vitória!

Já a campanha de arrecadação de metais tinha como objetivo arrecadar estanho, cobre, zinco, alumínio etc. A estudante Erotildes Ribeiro (1942, p.2), do 3º ano da Escola Mista Estadual Desdobrada de Passagem¹⁷, de Laguna, escreveu no jornal *Estrela do Sul*:

Em nossa escola como as demais do Estado de Santa Catarina foram avisados para fazer a campanha do alumínio, por isso nossa professora prevenida mandou que todos os alunos se esforçassem no sentido de obterem este metal. Todos nós procuramos em casa objetos velhos de alumínio, cobre e zinco e trouxemos para a escola perto de 30 quilos. [...] Como estudantes cumprimos o nosso dever. E como patriotas com maior prazer o fizemos. E assim fariam todos que são brasileiros e que amam o grande e glorioso Brasil. Viva nossa Pátria querida. Viva o Brasil!

Mais do que descrever as atividades desenvolvidas pelas escolas para ajudar no esforço de Guerra, as redações dos estudantes também demonstram como esse acontecimento foi utilizado para formar, fortalecer a unidade nacional. Os textos publicados nos jornais escolares destacam o patriotismo dos brasileiros, o amor ao país e a sensação de dever cumprido a cada campanha de arrecadação realizada.

A “Campanha da Borracha Usada” foi a mais noticiada nos jornais escolares. Em âmbito nacional, Getúlio Vargas enviou trabalhadores do Nordeste à Amazônia no esforço de aumentar a produção de borracha e deflagrou uma campanha nacional de arrecadação do material usado em todo o país, em 1943. Em Santa Catarina ela foi patrocinada pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), com a cooperação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

¹⁶ Fundada em 1934, a partir de uma escola isolada estadual da então Vila de Perdizes. Ainda em funcionamento.

¹⁷ Escola isolada que passou a integrar as Escolas Reunidas Custódio Floriano de Córdova, em funcionamento como Escola Municipal de Educação Básica.

(DEIP) e Departamento de Educação; e circulou nos jornais locais e no *Diário Oficial*, nos meses de junho e julho. Nas escolas ela resultou em competições internas e externas, que movimentaram estudantes e docentes. Os relatos são entusiasmados e entre frases patrióticas de efeito, apoiando Getúlio Vargas e os bravos soldados, dão conta de como coletaram borrachas, se venceram ou não as competições, das festas realizadas nos pátios da escola e nos centros da cidade.

A estudante Judite Genovêncio (1943, capa), do 3º ano do Primário, escreve no jornal *O Beija-Flor*, da Escola Mista Isolada Estadual de Araranguá¹⁸:

O nosso governador mandou ordem para todas as escolas isoladas juntar borracha usada. Nossa zona arrecadou 133 quilos. Foi maravilhoso ver a criança juntar borracha nos pastos. [...] A borracha é para fazer preparados para a Guerra. A nossa professora e nós alunos fomos fazer um passeio. Antes de sairmos fizemos na escola saudação a Bandeira e como era último dia ouvimos o último discurso sobre a Semana da Borracha. Todos os dias um aluno nos entusiasmava com um discursuzinho falando sobre a utilidade e importância da borracha.

Em Biguaçu, cidade da região metropolitana de Florianópolis, Eloisa M. Prazeres (1943, p. 2), do 3º ano Z do Grupo Escolar Professor José Brasilício¹⁹, escreve no *Estudante*:

A Campanha que participamos foi a da Borracha. O Sr. Diretor falou sobre a campanha da borracha, pedindo aos alunos para angariá-la. Quem teve a ideia de angariá-la foi o nosso presidente, Dr. Getúlio Vargas. [...] A nossa professora falou diariamente sobre a borracha e nos mostrou um quadro onde se acha um homem extraíndo a borracha de uma seringueira. Neste quadro vimos as árvores que dão a borracha. [...] No dia 15 houve o encerramento da campanha havendo uma festa na praça. O total de toda a borracha usada que os alunos arrecadaram foi de 213.400 kg. A classe premiada foi o 2º ano complementar tendo recebido calorosas palmas. Logo após os alunos desfilaram pelas ruas da cidade ao toque dos tambores. Tudo pelo Brasil!

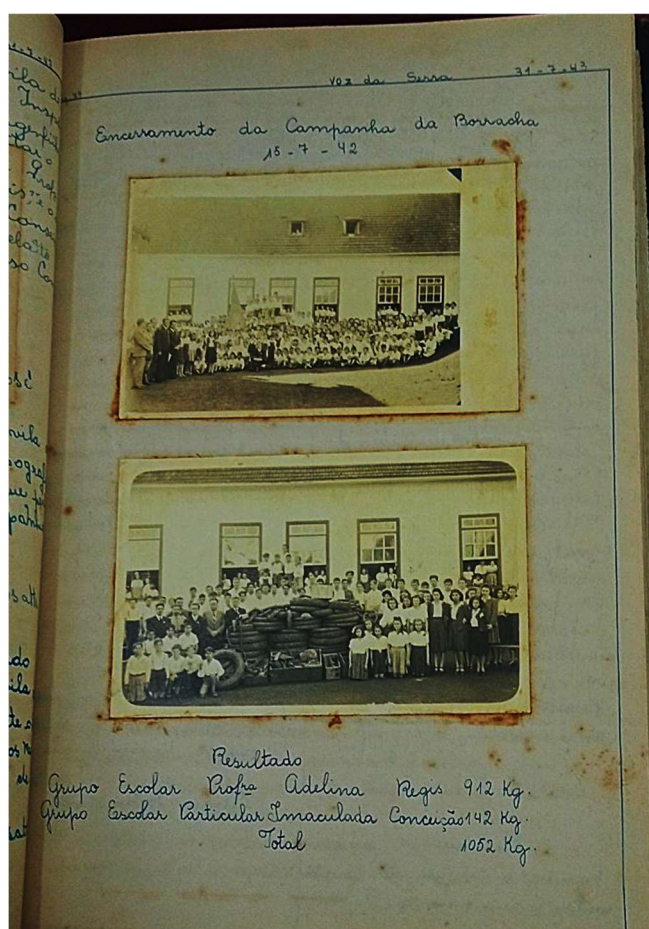
As escolas reuniam as borrachas, em geral pneus de carros e caminhões usados, nas praças e/ou em frente as prefeituras para pesagem. Era dia de festa, discursos e atos solenes de premiação (para a escola com maior arrecadação). Os relatos informam que um caminhão da

¹⁸ Os vestígios apontam que essa escola deu origem a atual Escola de Educação Básica Estadual de Araranguá, porém é necessário confirmar.

¹⁹ Instalado em 1927. Em funcionamento como Escola Estadual de Educação Básica.

própria prefeitura levava o material para a capital, Florianópolis e, de lá, seguiam de navio para o Rio de Janeiro. Além das muitas redações descrevendo como foi a Campanha da Borracha nas escolas, alguns jornais trazem também registros fotográficos do dia, junto com os textos.

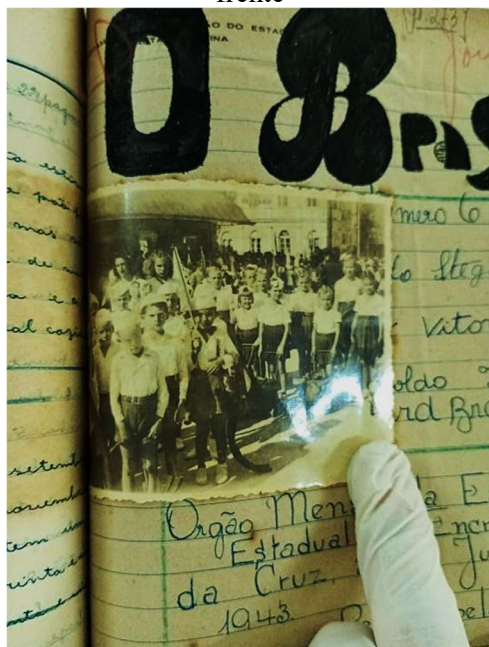
Figura 3: Fotografias Campanha da Borracha



Fonte: *Voz da Serra*, Grupo Escolar Professora Adelina Régis, jul. 1943. Acervo: Apesc.

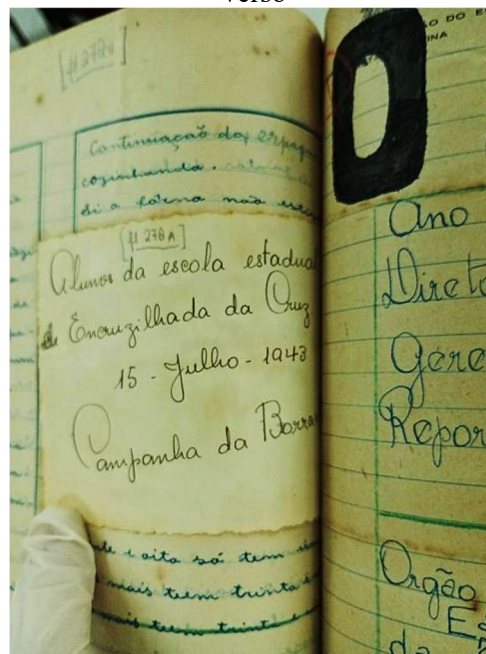
Há um erro na informação do ano da fotografia, como se pode observar. Está datada de 15 de julho de 1942 e a campanha ocorreu em 1943. Seu encerramento foi em 15 de julho, ocasião em que as fotografias foram tiradas e selecionadas para comporem o jornal publicado em 31 de julho de 1943. Nelas há o registro dos resultados de duas escolas: Grupo Escola Profa. Adelina Régis, que arrecadou 912 kg e o Grupo Escolar Particular Imaculada Conceição, que arrecadou 142 kg. Na 1ª fotografia o centro é ocupado por um monte formado por pneus e em torno deles os estudantes e os professores.

Figura 4: Fotografia Campanha da Borracha, frente



Fonte: *O Brasil*. Escola Estadual de Encruzilhada da Cruz, Joinville, jul. 1943. Acervo: Apesc.

Figura 5: Fotografia Campanha da Borracha, verso



Fonte: *O Brasil*. Escola Estadual de Encruzilhada da Cruz, Joinville, jul. 1943. Acervo: Apesc.

Outra fotografia foi preservada entre as páginas do jornal escolar *O Brasil*, da Escola Estadual de Encruzilhada da Cruz²⁰, localizada em Joinville. Na imagem, crianças uniformizadas, algumas com bandeiras e outras carregando pedaços de objetos de borracha foram fotografados em uma rua da cidade, aparentemente em um desfile ou outra atividade cívica organizada pela escola. Importa chamar a atenção de que as campanhas mais efetivas ocorreram em cidades ou distritos urbanizados. Há relatos em jornais de escolas mais afastadas dos centros urbanos que justificam sua dificuldade em encontrar borracha, pois em sua localidade “quase não passava carros”.

Em 30 de setembro de 1943, *A Voz da Infância*, do Grupo Escolar Santa Catarina, publicou o texto de Osvaldo Trancoso (1943, p.2) intitulado “Brasileiros vão para Guerra!”:

O Brasil ameaçado pelos países totalitários se prepara para enfrentá-los unindo todos os esforços. Nosso exército já equipado e treinado com as armas

²⁰ Sem informações, até o momento.

modernas de Guerra aguarda o chamado para seguir para os campos de batalha. Os brasileiros darão seu sangue no campo de trabalho até que um dia surgirá a aurora brilhante e feliz.

Com um tom laudatório, o texto exalta o exército brasileiro, o patriotismo dos soldados que estavam prontos para dar o “sangue” em defesa de seu país. Ignorando completamente que se vivia uma ditadura, a ênfase é colocada na luta pela liberdade, contra países totalitários e que, ao final, com a vitória resultaria em um futuro “brilhante e feliz”.

Em meio ao entusiasmo e a replicação das notícias dos bravos soldados que chegaram à Nápoles, há redações que chamam a atenção sobre o horror da Guerra. No jornal *Alerta Estudantes*, Artur Glasenapp (1943, p.3), do 3º ano, por exemplo, lembra:

A Guerra que na Europa e Ásia está matando tanta gente é o que na atualidade ocupa a atenção de todos. Até eu que sou criança, por ela tenho interesse, não que eu compreenda, mas o que faço é pedir a Deus para que ela acabe depressa e para que cada um volte à sua casa para cuidar da sua família. Caros colegas, devemos ter horror a Guerra, pois podemos viver tão bem em paz, trabalhando somente pelo engrandecimento da nossa querida pátria o Brasil.

Deduz-se pelo sobrenome do autor e pelo fato de estudar em uma escola localizada em Blumenau, que ele era de família de imigrantes. Vivia-se um clima de suspeição e de medo constante, que era propagado pela imprensa, ampliado com as fofocas e com as proibições e as prisões de pessoas suspeitas de traição. Com isso seria muito difícil algum aluno ou docente se posicionar contra o governo de Getúlio Vargas e a Guerra. Mas esse é um texto em um tom pacifista, no qual o estudante roga à Deus que os soldados voltem logo para casa para cuidar da família e salienta que é com paz que as pessoas poderão se dedicar ao trabalho e à grandeza do país.

O fim da Guerra, em 8 de maio de 1945, foi bastante comemorado, com o badalar dos sinos nas igrejas e com as crianças fazendo muita festa e algazarra nas escolas, como registrado pelo aluno Eraclides Borba (1945, p.4), da Escola Estadual de Araranguá:

No dia em que recebemos a notícia da paz, fizemos em nossa escola uma festinha, mas os cantos não estavam muito bons pois a alegria era tanta que fazia se perder o compasso. Fomos logo embora levar a todos os lares a notícia da paz já há tanto tempo esperada. Fizemos grande algazarra mas ninguém reparou, pois era justo.

Já o jornal *A Voz da Infância* optou por publicar a reflexão do aluno Ivo Comazone acerca da morte de Hitler, do castigo dado aos nazistas, da volta à “terra livre das hostes nazistas”, da honra do exército brasileiro que defendeu a pátria. Aparentemente, um futuro de paz e de liberdade voltava a ser uma expectativa possível após o fim da Guerra.

Volta a liberdade sobre a terra!

Seis anos de luta. Depois de tantas mortes, tanto terror, tantos bombardeios sobre os países da Europa, eis que surge o dia 8 de maio, dia que o sol encontrou a superfície da terra livre das hostes nazistas. O que é de Hitler, este nazista infame que toda a Guerra fez surgir? Sim, responde-me eles: sumiram-se foram castigados, receberam o que mereciam, quanto aquele infame nazista Hitler, foi morto. Deve-se agradecer os aliados ou mais ainda a nossa Força Expedicionária Brasileira que tanto soube mostrar ao mundo que os do Brasil souberam e saberão honrar e defender sua pátria nos momentos precisos (Comazone, 1945, capa).

Há diferentes jornais que narram que a notícia foi recebida com festa na escola. Aliás, chama a atenção que há relatos que indicam que as crianças é que levaram a notícia recebida na escola para as suas famílias. A escola como um importante lugar de educação, de socialização e, especialmente, de vetor de ideias, valores e tradições, incluindo projetos políticos, emerge desses relatos. Esses relatos mostram como a escola funcionava como um espaço de temporalização, onde o presente da guerra era reinterpretado à luz de projetos de futuro e memórias do passado. Ao levar as notícias para suas casas, as crianças estendiam o horizonte de expectativa produzido na escola à vida comunitária, revelando o papel dessa instituição na produção de sentidos históricos e na formação de sujeitos que viviam e narravam o tempo em que estavam inseridos.

Considerações finais

Nos jornais escolares inscrevem-se experiências, tradições, ritos, representações de escolas e sujeitos do passado. Inscrevem-se projetos de futuro, porque sim, os sujeitos do passado que lhes deram condições de existência, tinham um futuro. Com ele, temores, expectativas. Eles “foram como nós, sujeitos de iniciativa, de retrospectção e de prospecção” (Ricoeur, 2007, p.392). Refletir sobre esse passado pode contribuir para a construção de sentidos sobre nossa história, sobre nossa existência particular e em sociedade, e, assim, quem

sabe construir futuros alternativos mais significativos.

Os recortes sobre a Segunda Guerra, nesses jornais, são vestígios de experiências de Guerra vivenciadas pelos estudantes. Além disso, mostram como um determinado projeto político impactou os sujeitos da escolarização. Os jornais foram percebidos como ferramentas importantes de um projeto político que tanto era nacionalizador quanto aspirava um Brasil moderno. Compreendia-se que as narrativas que formariam seu conteúdo apontavam para um futuro, ao mesmo tempo que continham a memória daquele projeto, de suas aspirações. Os jornais escolares ganham assim dimensões memoriais orientadas pelo futuro e emergem como herança, já em sua criação. Há aqui uma dupla função da memória e de combinações temporais: no presente do historiador, são memórias arquivadas de testemunhos passados (Ricoeur, 2007); no presente daquele passado as práticas discursivas já os inscreviam como memórias voltadas ao futuro.

Toda a história tem a ver com o tempo. As narrativas também informam tempos variados que coexistem no campo da experiência, instigando a pensar que “o passado só pode ser experimentado porque ele mesmo contém um elemento de futuridade – e vice-versa” (Koselleck, 2006, p. 36). Os textos assinados pelos estudantes, produtos de atividades pedagógicas, como descrições, redações e notícias da comunidade, mostram que o passado experimentado naquele presente estava orientado para o futuro. As narrativas contidas nesses jornais são capazes de evidenciar a potência da escola como produtora e mediadora de memórias coletivas, nas quais se entrelaçam o cotidiano e o político, a cultura escolar e a cultura histórica. Ao registrar a guerra em linguagem escolar, esses jornais transformam o acontecimento histórico em experiência compartilhada, permitindo compreender como a escola operava como um microcosmo da sociedade, arquivando e difundindo valores, temores e esperanças de seu tempo. Mas o passado estava presente. Os imigrantes em contraposição a língua nacional e a ideia de brasilidade, tensionavam ainda mais um presente incerto. Mas o futuro prometia um Brasil grande, glorioso.

Referências

A QUEROSENE. **A Primavera**, Escola Isolada Estadual de Alsácia, Brusque, n.5, p. 2, 29 jul. 1944. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

ALMEIDA, Deni B. de. Meus patrícios! **A Criança Brasileira**, Grupo Escolar Lauro Müller, Florianópolis, ano 1, n.4-5, p. 2, 12 nov. 1942. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

ALVES, Aurí Rodrigues. O blackout em Florianópolis. **A Criança Brasileira**, Grupo Escolar Lauro Müller, Florianópolis, ano 1, n.4-5, p. 3, 12 nov. 1942. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

BITINARDI, Armando. O Brasil em face do mundo. **A Voz da Infância**, Grupo Escolar Santa Catarina, Campos Novos, n.3, capa, mai. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

BLOSFELD, Valdemar. O Brasil em Guerra. **Alerta Estudantes**, Grupo Escolar José Bonifácio, Blumenau, n.13, p.2, nov. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

BORBA, Eraclides. A Paz. **O Beija-Flor**, Araranguá, p.4 mai. 1945. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.265, de 25 de janeiro de 1938**. 1938a. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados](#). Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto-lei nº 383 de 18 de abril de 1938**. 1938b. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados](#). Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto-lei nº 868, de 18 de novembro de 1938**. 1938c. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados](#). Acesso em: 27 jun. 2025.

CASTRO, Alisson Souza. São Pedro. Verbete. In: BRUSQUE, Enciclopédia Virtual. Casa Brusque Virtual, Prefeitura Municipal de Brusque, s/a. Disponível em: https://enciclopedia.brusque.sc.gov.br/index.php?title=S%C3%A3o_Pedro#Educa.C3.A7.C3.A3o. Acesso em: 23 jun. 2025.

COMAZONE, Ivo. Volta a liberdade sobre a terra! **A Voz da Infância**, Grupo Escolar Santa Catarina, Campos Novos, n.2, p.1, 30 mai. 1945. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Tradução e revisão técnica de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas/SP: Editora Alínea, 2017.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **Emoções & Educação**: a construção histórica da educação emocional. Tradução e revisão técnica de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Andréa Bezerra Cordeiro. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2021.

EMÍLIA, Maria. A imigração de colonos estrangeiros. **A Voz da Infância**, Grupo Escolar Santa Catarina, Campos Novos, n.1, p.5, 30 mar. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

FAVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) Guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Itajaí: Editora da Univali/Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

FREINET, Celestin. **O jornal escolar**. Tradução de Filomena Quadros Branco. Lisboa: Estampa, 1974.

GLASENAPP, Artur. A Guerra. **Alerta Estudantes**, Grupo Escolar José Bonifácio, Blumenau, n.43, p.3, 31 ago. 1944. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

GENOVÊNCIO, Judite. Semana da Borracha. **O Beija-Flor**, Araranguá, p.1, jul. 1943. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre a história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Puc/Rio: 2006.

KLUG, João. A escola alemã em Santa Catarina. In: DALLABRIDA, Norberto (org.) **Mosaico de escolas**: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 141-154.

MOURA, Mauricio C. Nossa cidade às escuras. **O Estudante**, Grupo Escolar Jerônimo Coelho, Laguna, n.6, p. 2, 30 set. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

OLIVEIRA, Nadir. A agressão aos nossos navios. **A Criança Brasileira**, Florianópolis, Grupo Escolar Lauro Müller, ano 1, n.4-5, p. 2, 12 nov. 1942. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

OTTO, Clarícia. As escolas italianas entre o político e o cultural: discursos e tensões na construção de sujeitos. In: DALLABRIDA, Norberto (org.) **Mosaico de escolas**: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 105-140.

PRAZERES, Eloisa M. A Campanha da Borracha. **Estudante**, Grupo Escolar Professor José

Brasilício, Biguaçu, n.11, p.2, 31 jul. 1943. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

QUEROSENE, A **Primavera**, Escola Isolada Estadual de Alsácia, Brusque, n.8, p. 2, 24 set. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

QUINTANEIRO, Tania. Plantando nos campos do inimigo: japoneses no Brasil na Segunda Guerra Mundial. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 155-169, dezembro 2006.

RIBEIRO, Erotildes. **Estrela do Sul**, Escola Mista Estadual Desdobrada de Passagem, Laguna, n.6, p.2, 30 set. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: o tempo Narrado, v.1, Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROHREGGER, Almo. Campanha Pró-Aviação. **Voz da Serra**, Grupo Escolar Adelina Régis, Videira, n.19, p. 3-4, 30 set. 1942. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

SANTA CATARINA. Decreto n.2.991, de 28 de abril de 1944. Circular n.42, Florianópolis, 10 de maio de 1944. In: **Circulares de 1943 e 1944**. Departamento de Educação. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1945. Acervo IDCH/FAED/UDESC, Coleção Elpídio Barbosa.

SILVA, Cristiani Bereta da. Patrimônio Educativo. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (org.) **Dicionário Temático de Patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas/SP, Editora UNICAMP, 2020, p. 205-209.

SILVA, Cristiani Bereta da; *et al.* Catálogo **Jornais Escolares Catarinenses**. Florianópolis: *E-book*, 2023. Disponível em: <https://jornaiscolarescatarinenses.webnode.page/catalogo/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, Cristiani Bereta da; VIEIRA, Vitor Marcelo. Jornal escolar *O Girafinha* como vestígio de culturas de escola e de memórias (Maravilha/SC - Décadas de 1970-1980). **História da Educação**, v. 28, p. 1-26, 2024, DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/133348>

TRANCOSO, Osvaldo. **A Voz da Infância**, Grupo Escolar Santa Catarina, Campos Novos, n.5, p.2, 30 set. 1943. Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Fundo “Escolas/Grupos Escolares”.

TRINDADE, Luiz Sanches Bezerra da. Instruções para o Jornal Escolar. Circular n.7,

Florianópolis, 12 de abril de 1937. In: SANTA CATARINA. **Circulares de 1930 e 1941.** Departamento de Educação. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1941, p.27. Acervo IDCH/FAED/UDESC, Coleção Elpídio Barbosa.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (org.) **A cultura escolar em debate:** questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: autores Associados, 2005, p.3-30.

Submissão em: 30/06/2025

Aceito em: 13/10/2025

Citações e referências
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE NORMAS
TÉCNICAS